SONDAGEM

ICS / ISCTE

Abril 2021
Parte 2

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Expresso

ÍNDICE

1. Ficha técnica 2

2. Confiança na resposta das autoridades à pandemia..... 3

3. Razões para a situação crítica de janeiro passado..... 9

4. Atuação do governo português em comparação internacional..... 10

5. “Desconfinamento” e futuros confinamentos 11

6. Vacinação 13

7. Rendimento em comparação com situação pré-pandemia 20

8. O teletrabalho..... 21

1. Ficha técnica

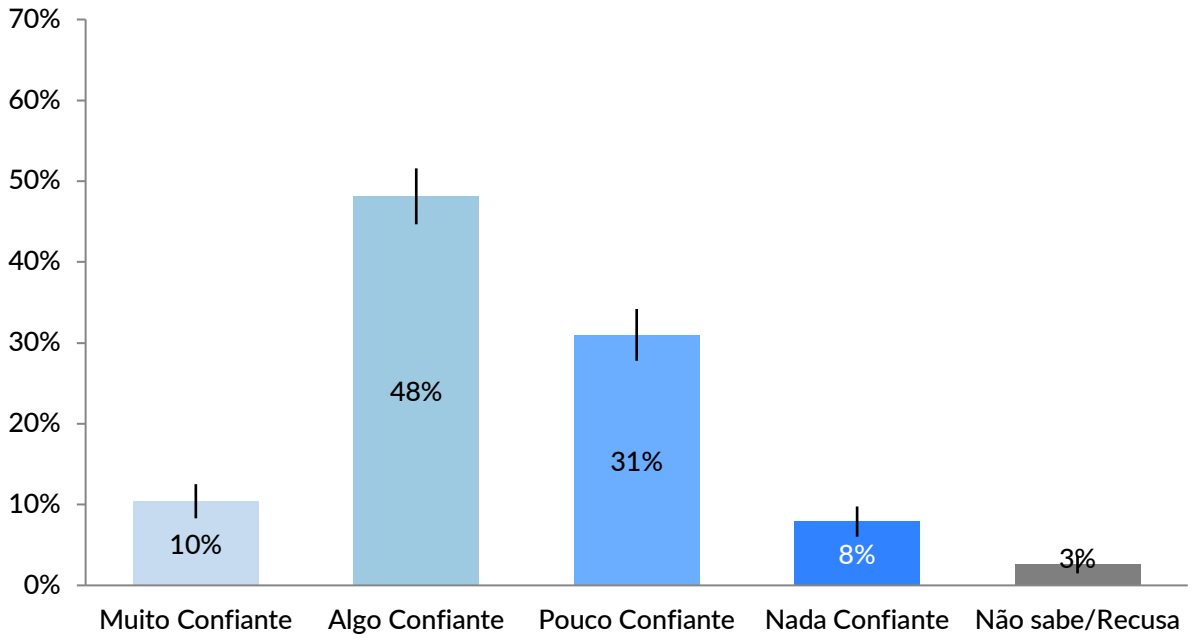
Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 5 e 13 de abril de 2021. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. Foram selecionados 80 pontos de amostragem, contactados 2701 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 802 entrevistas válidas (taxa de resposta de 30%). O trabalho de campo foi realizado por 34 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses residentes no Continente com 18 ou mais anos, a partir dos dados da vaga mais recente do European Social Survey (Ronda 9). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 802 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com "indecisos" e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso site.

2. Confiança na resposta das autoridades à pandemia

"Na resposta que o primeiro-ministro está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"
% em relação ao total da amostra

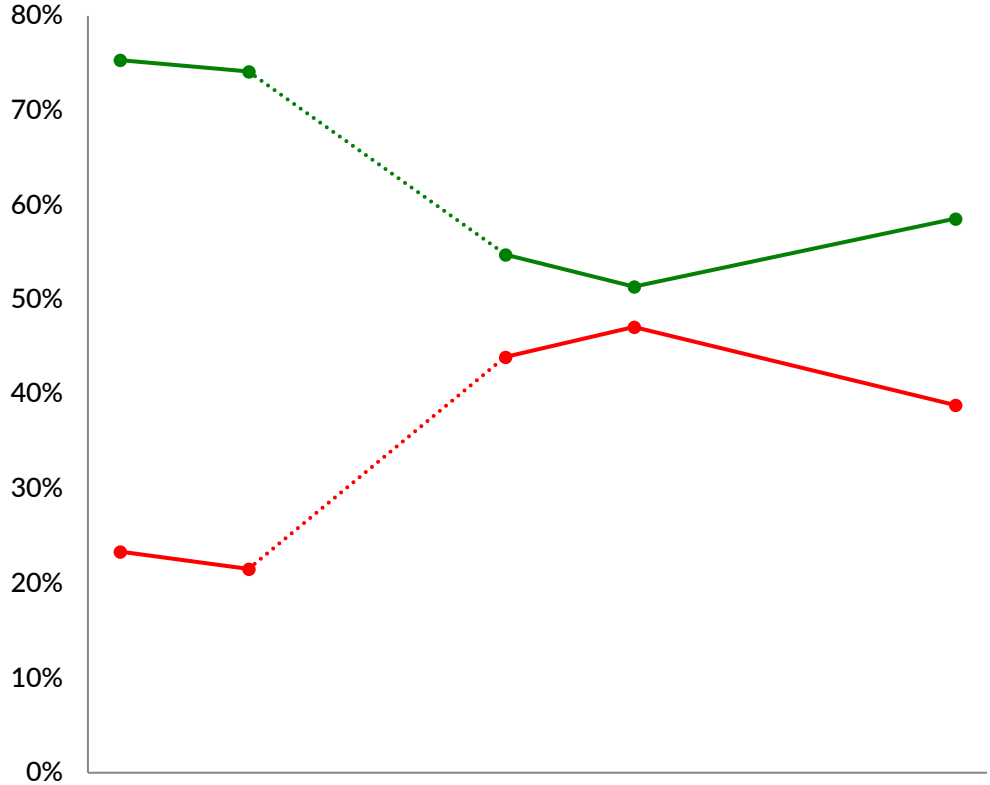


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que estão “algo confiantes” na resposta do PM à pandemia. Há mais inquiridos que se dizem “muito” ou “algo” confiantes nessa resposta do que os que se dizem “pouco” ou “nada” confiantes.

Na resposta que o primeiro-ministro está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?

% em relação ao total das amostras.

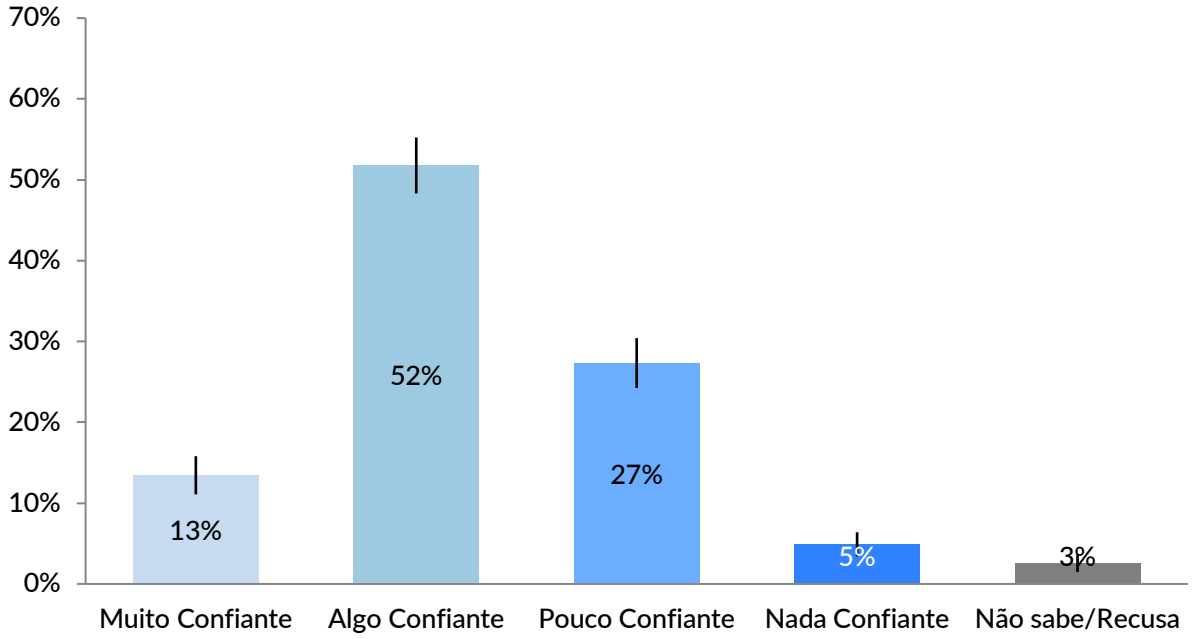


	22/03/20	10/05/20	24/09/20	25/11/20	14/04/21
Muito + Algo Confiante	75%	74%	55%	51%	59%
Pouco + Nada Confiante	23%	22%	44%	47%	39%

Depois de uma diminuição acentuada da confiança na resposta do PM à pandemia desde maio do ano passado, houve uma recuperação, modesta mas estatisticamente significativa, de novembro de 2020 para abril deste ano.

"Na resposta que a Direção Geral de Saúde está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

% em relação ao total da amostra

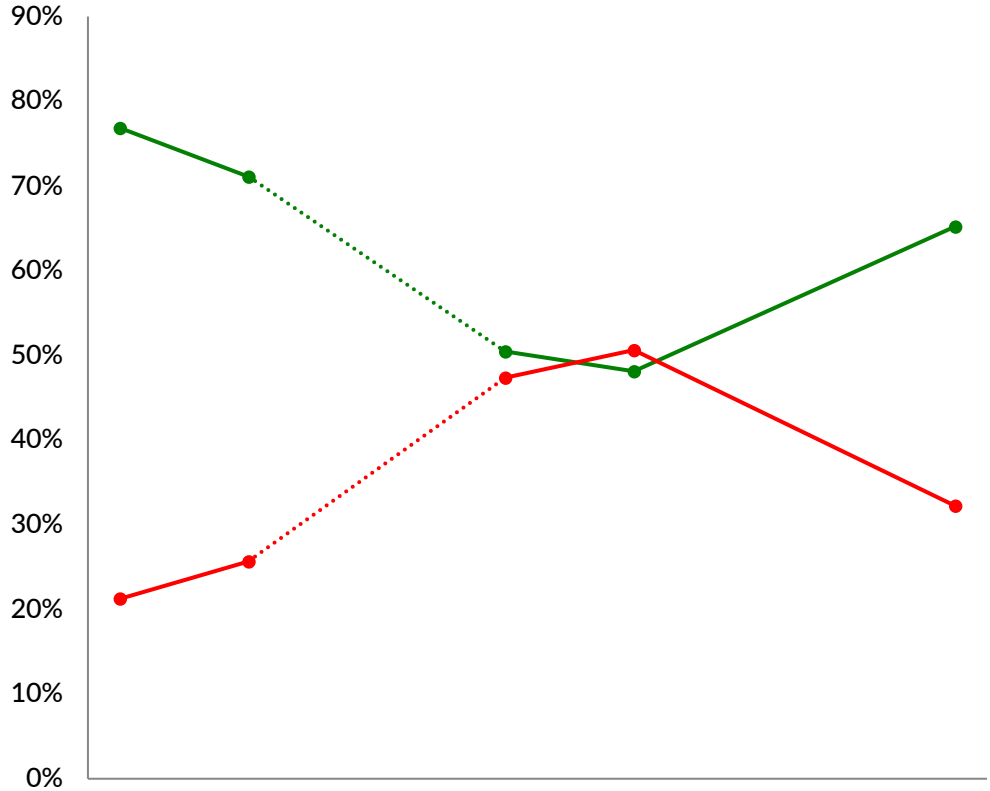


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que estão “algo confiantes” na resposta da DGS à pandemia. Há mais inquiridos que se dizem “muito” ou “algo” confiantes nessa resposta do que os que se dizem “pouco” ou “nada” confiantes.

Na resposta que a DGS está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?

% em relação ao total das amostras

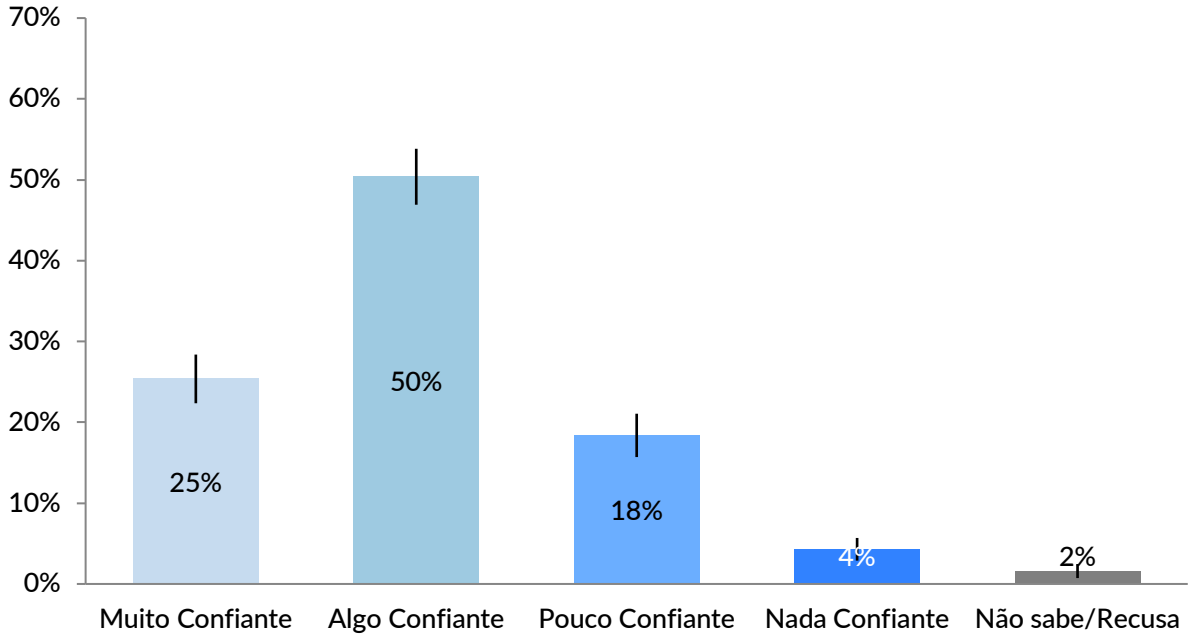


	22/03/20	10/05/20	24/09/20	25/11/20	14/04/21
Muito + Algo Confiante	77%	71%	50%	48%	65%
Pouco + Nada Confiante	21%	26%	47%	51%	32%

Depois de uma diminuição acentuada da confiança na resposta da DGS à pandemia desde março do ano passado, houve uma recuperação expressiva e estatisticamente significativa de novembro de 2020 para abril deste ano.

"Na resposta que o Presidente da Republica está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

% em relação ao total da amostra

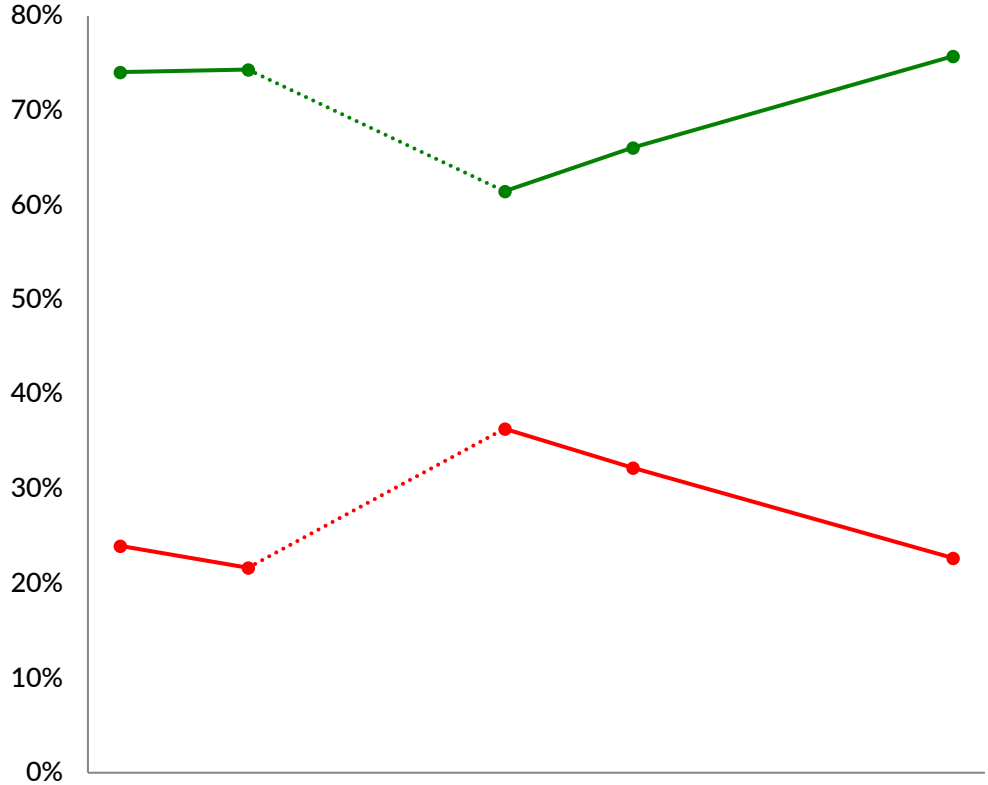


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos foi a de que estão “algo confiantes” na resposta do PR à pandemia. Há muito mais inquiridos que se dizem “muito” ou “algo” confiantes nessa resposta do que os que se dizem “pouco” ou “nada” confiantes.

"Na resposta que o Presidente da Republica está a dar à pandemia, está muito confiante, algo confiante, pouco confiante ou nada confiante?"

% em relação ao total da amostra



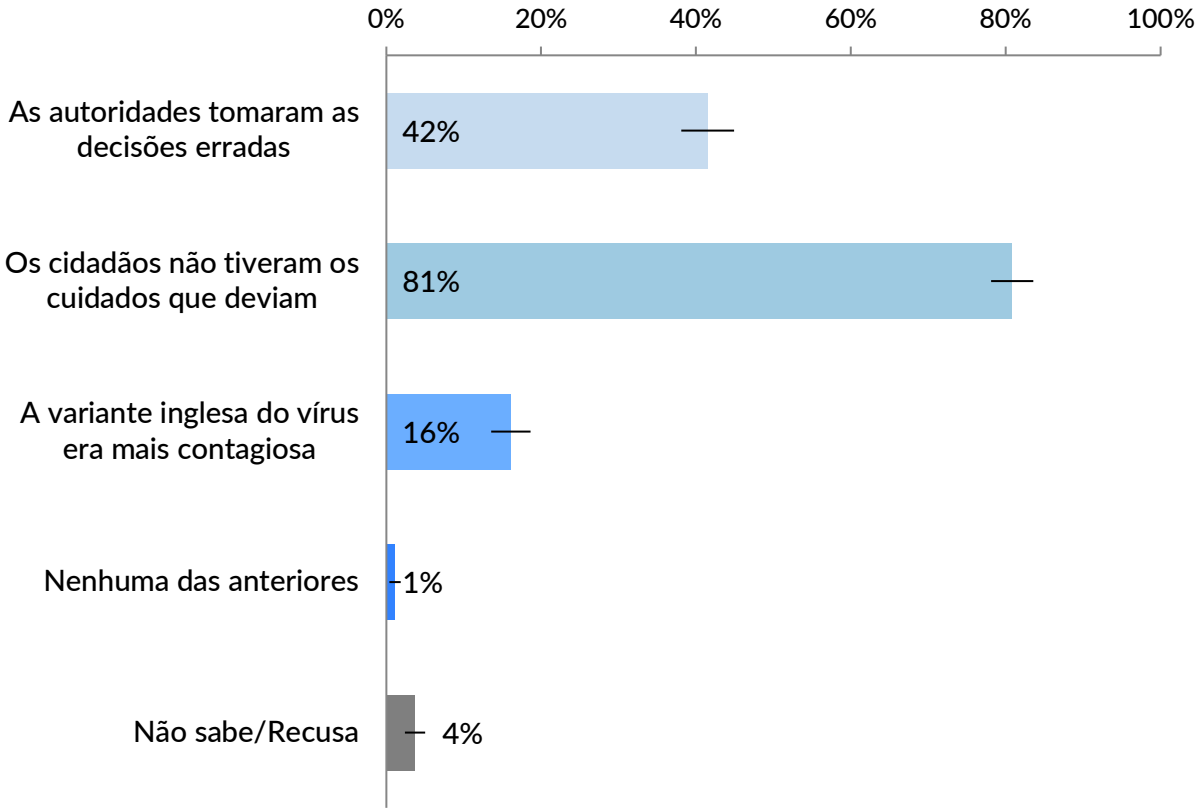
	22/03/20	10/05/20	24/09/20	25/11/20	16/04/21
Muito + Algo Confiante	74%	74%	61%	66%	76%
Pouco + Nada Confiante	24%	22%	36%	32%	23%

Depois de uma diminuição acentuada da confiança na resposta do PR à pandemia entre maio e setembro do ano passado, houve uma recuperação expressiva e estatisticamente significativa desde setembro de 2020 até agora.

3. Razões para a situação crítica de janeiro passado

Pense agora no que se passou em janeiro passado, quando chegámos aos valores mais altos de infeções e mortes causadas pela Covid-19. Na sua opinião, quais das seguintes razões mais contribuíram para a situação ter piorado tanto em Portugal?

% em relação a

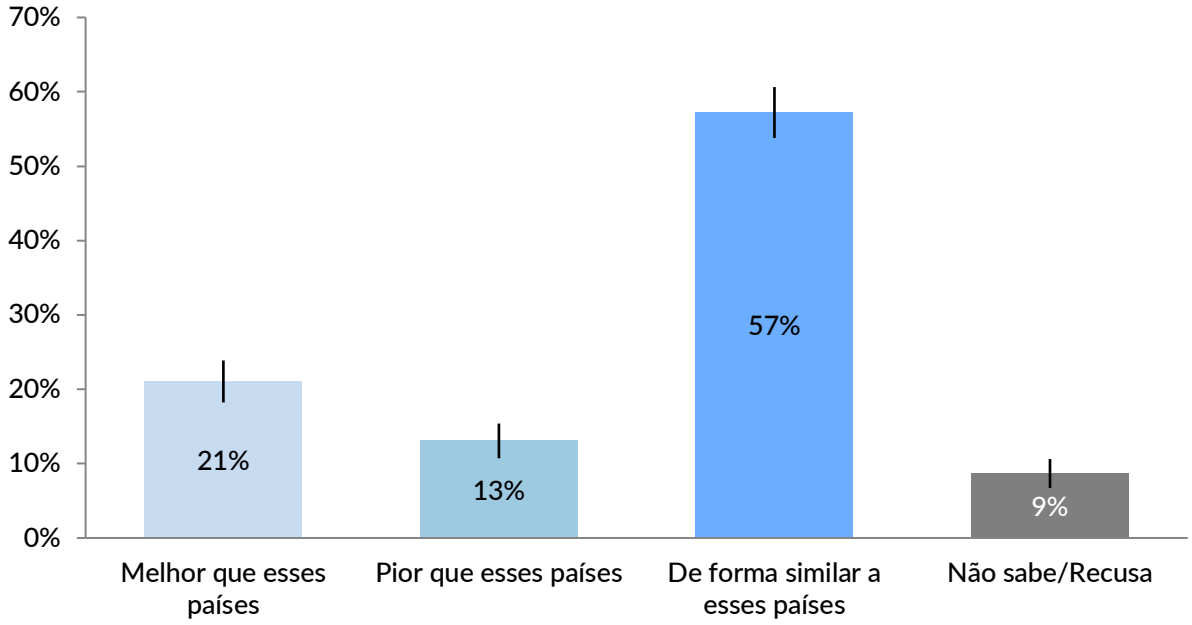


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade

A razão mais escolhida pelos inquiridos para explicar os valores muito altos de infeções e óbitos em janeiro passado é, para 81%, o facto de os cidadãos não terem tido os cuidados que deveriam ter tido. 42% colocam também a responsabilidade em decisões erradas das autoridades competentes em Portugal.

4. Atuação do governo português em comparação internacional

"Na sua opinião, durante a pandemia, como acha que atuou o governo português em comparação com outros países que tenham sofrido um número semelhante de contágios? Acha que o governo português atuou... "
% em relação ao total da amostra.



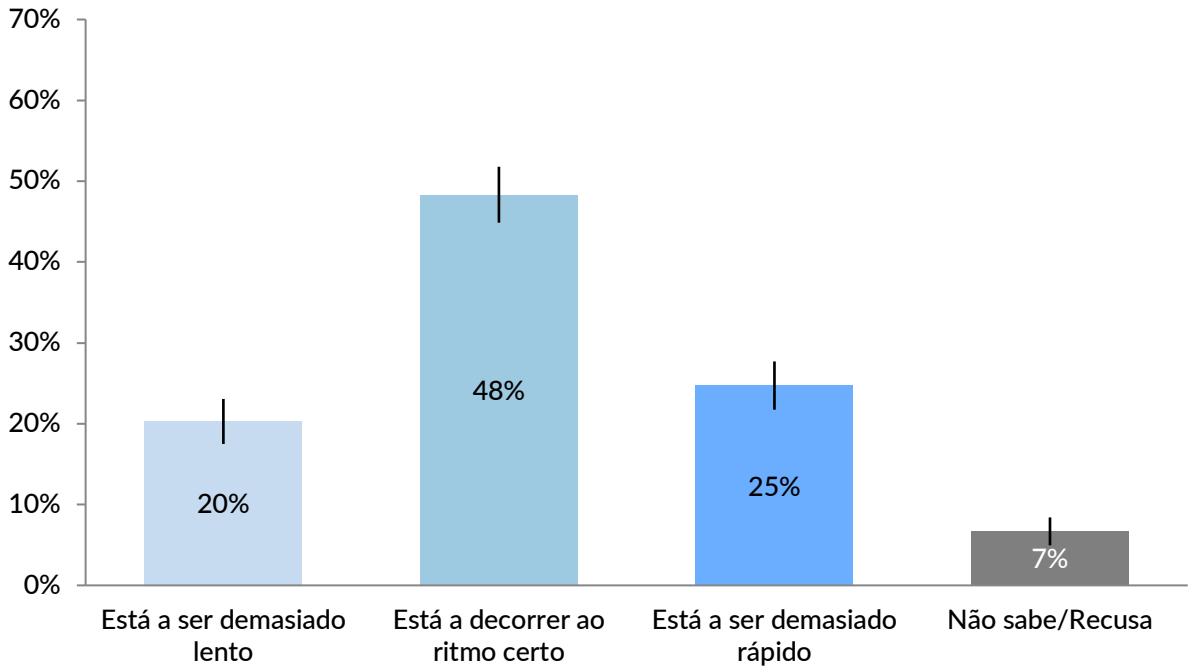
Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

A resposta mais escolhida, por 57% dos inquiridos, é que o governo português tem atuado de forma similar à de outros governos de outros países com números semelhantes de contágios. 21% consideram que a atuação do governo português é melhor que a desses países, ao passo que 13% consideram essa atuação pior. Um em cada dez inquiridos disse não saber ou recusou responder à questão.

5. “Desconfinamento” e futuros confinamentos

"Em relação ao desconfinamento que começou em março passado, qual das seguintes opiniões melhor corresponde à sua? Acha que o desconfinamento... "

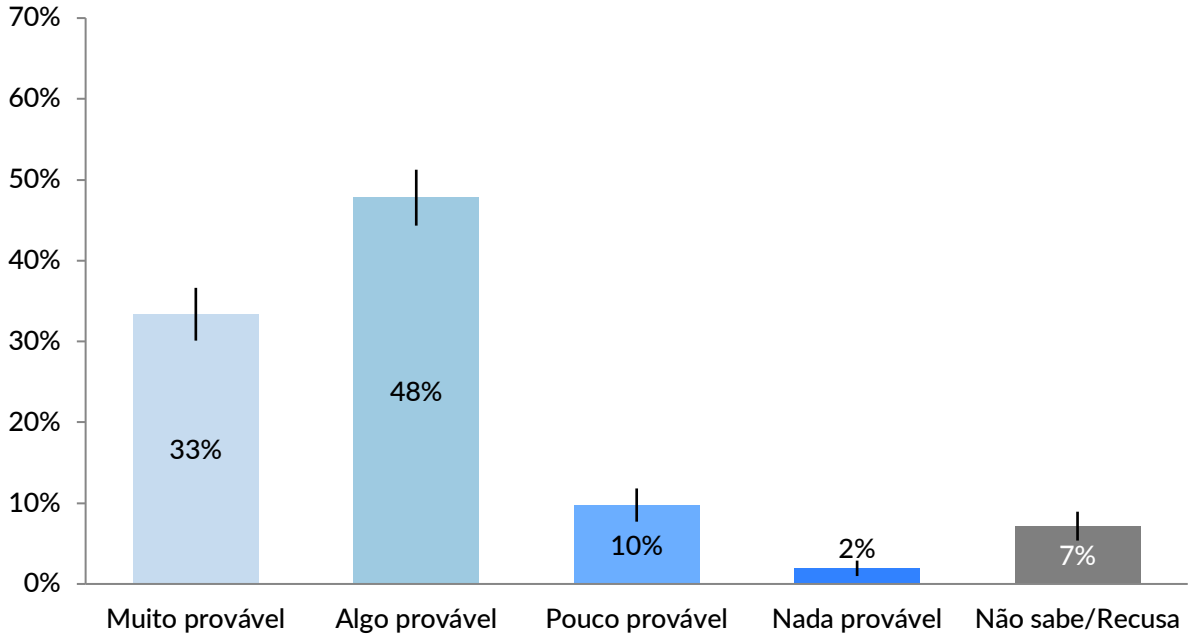
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

Cerca de metade dos inquiridos consideram que o “desconfinamento” iniciado em março está a decorrer ao ritmo certo. Os restantes dividem-se partes aproximadamente iguais: 25% consideram que está a ser demasiado rápido, ao passo que 20% consideram que está a ser demasiado lento.

"Até que ponto acha provável que seja decretado um novo confinamento geral ainda este ano em Portugal? Acha que é...
% em relação ao total da amostra.

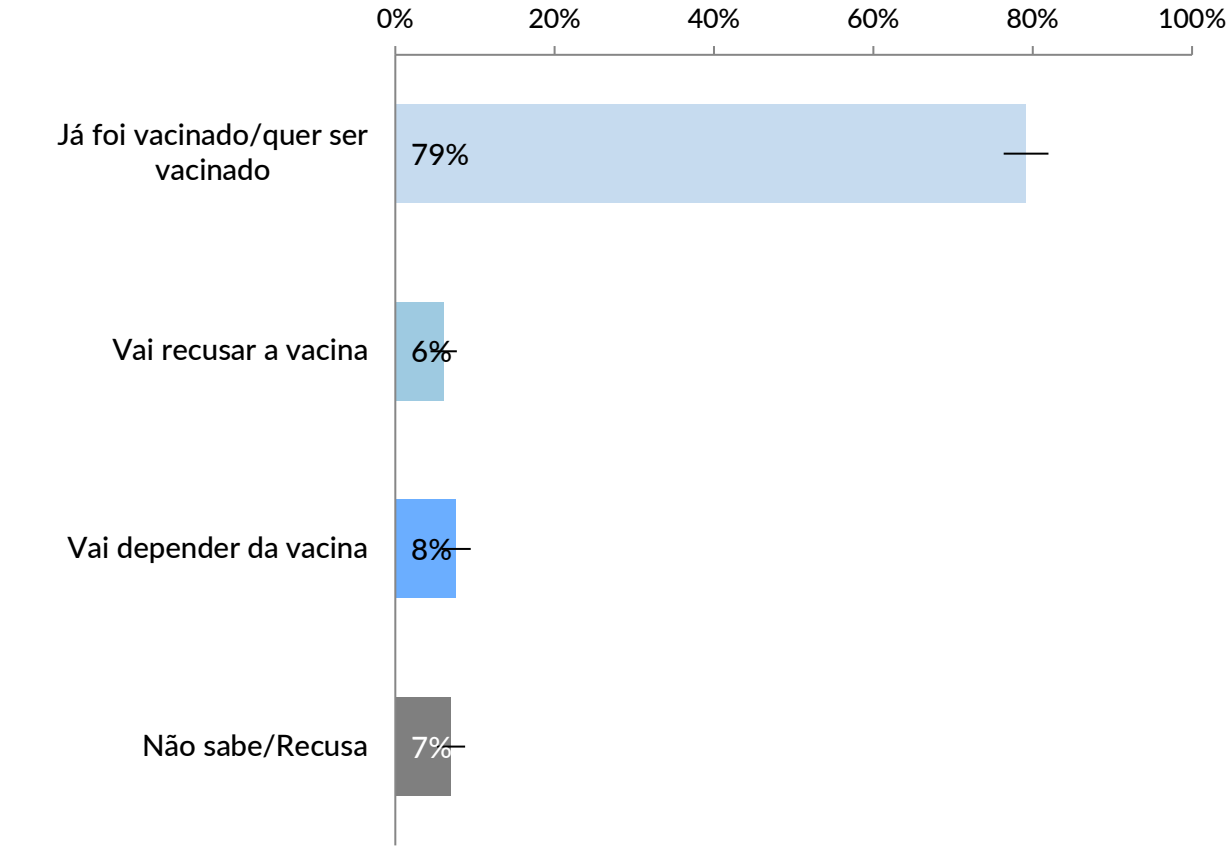


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

Apenas 12% dos inquiridos acham que um novo confinamento geral ainda este ano é “pouco” (10%) ou “nada” (2%) provável. Um em cada três acham um novo confinamento “muito provável”, ao passo que quase metade consideram que é “algo provável”.

6. Vacinação

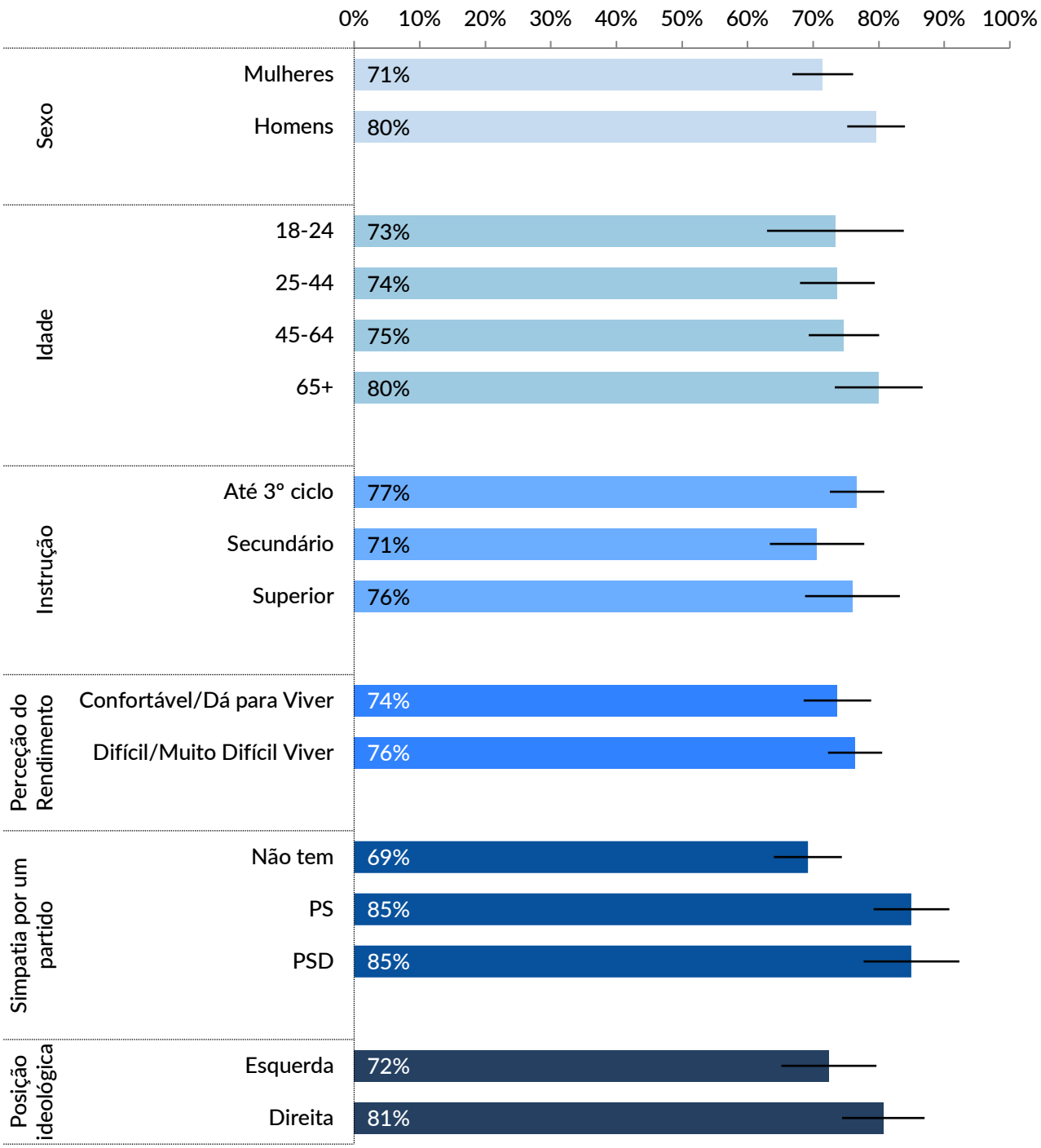
Já recebeu alguma dose da vacina contra a Covid-19/ (Se não): Quando chegar a sua vez, quer ser vacinado/a, vai recusar a vacina, ou vai depender da vacina?
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 5 a 13 de abril de 2021.

Cerca de 79% dos inquiridos no período entre 5 e 13 de abril afirmaram ou já ter recebido pelo menos uma dose da vacina (16%) ou querer ser vacinados (63%). Os restantes 21% dividem-se entre os que dizem que dependerá da vacina (8%), que irão recusar a vacinação (6%) e aqueles que dizem não saber ou recusam responder (7%).

Respondem "quero ser vacinado/a".
% por grupo, entre os que dizem não ter sido ainda vacinados

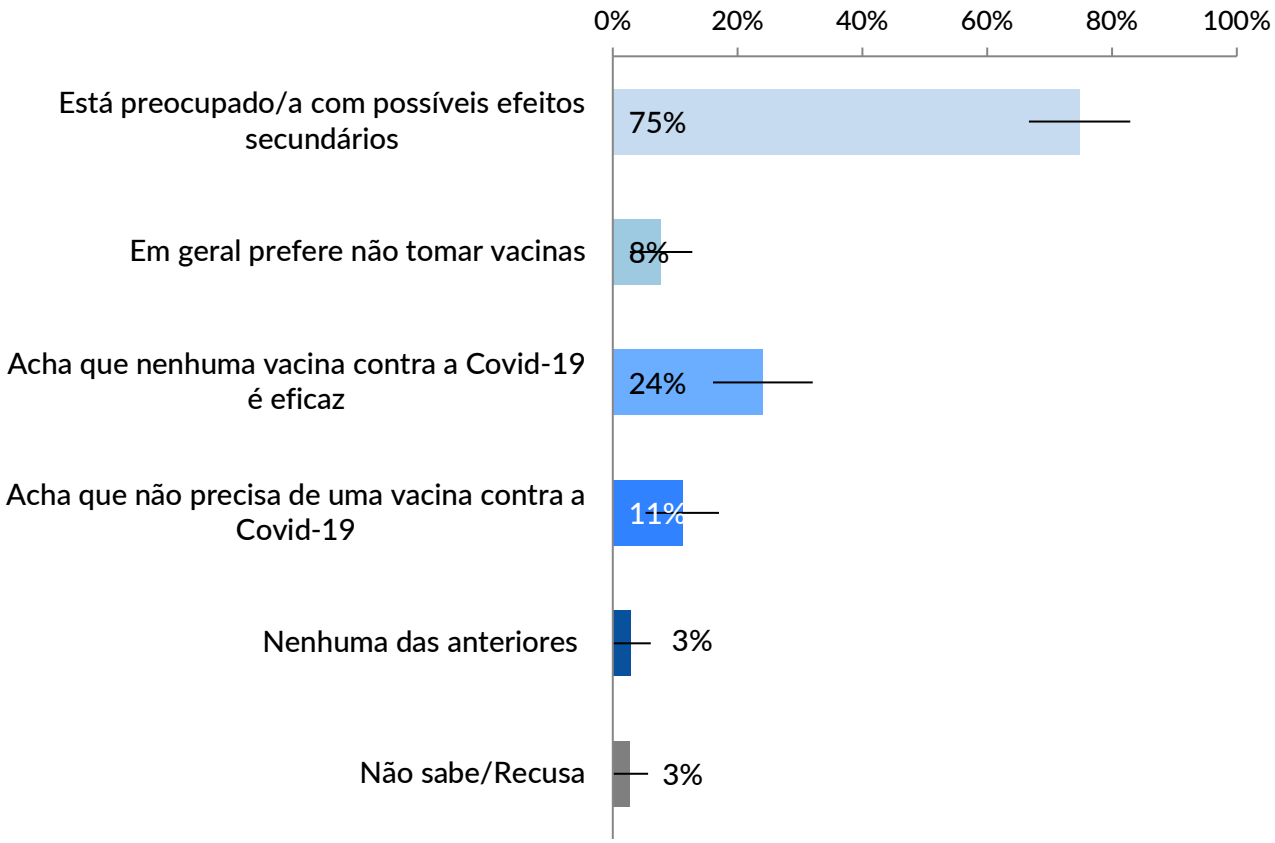


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

Entre os que, no período de 5 a 13 de abril, diziam não ter sido ainda vacinados, não há grandes diferenças entre grupos no que respeita à vontade manifestada de serem vacinados quando chegar a sua vez. A idade, a instrução ou o rendimento não estão relacionados com a vontade de ser vacinado/a. Contudo, há uma diferença significativa de 9 pontos percentuais entre homens e mulheres, com as segundas a mostrarem menor vontade de serem vacinadas. Essa menor vontade ocorre também entre os indivíduos que não simpatizam com qualquer partido e os que se posicionam à esquerda do ponto de vista ideológico.

Das seguintes razões, quais as que fazem com que pondere a hipótese de não ser vacinado/a quando chegar a sua vez ?

% em relação aos que afirmam recusar vacinação ou que depende da vacina; resposta múltipla, soma superior a 100%

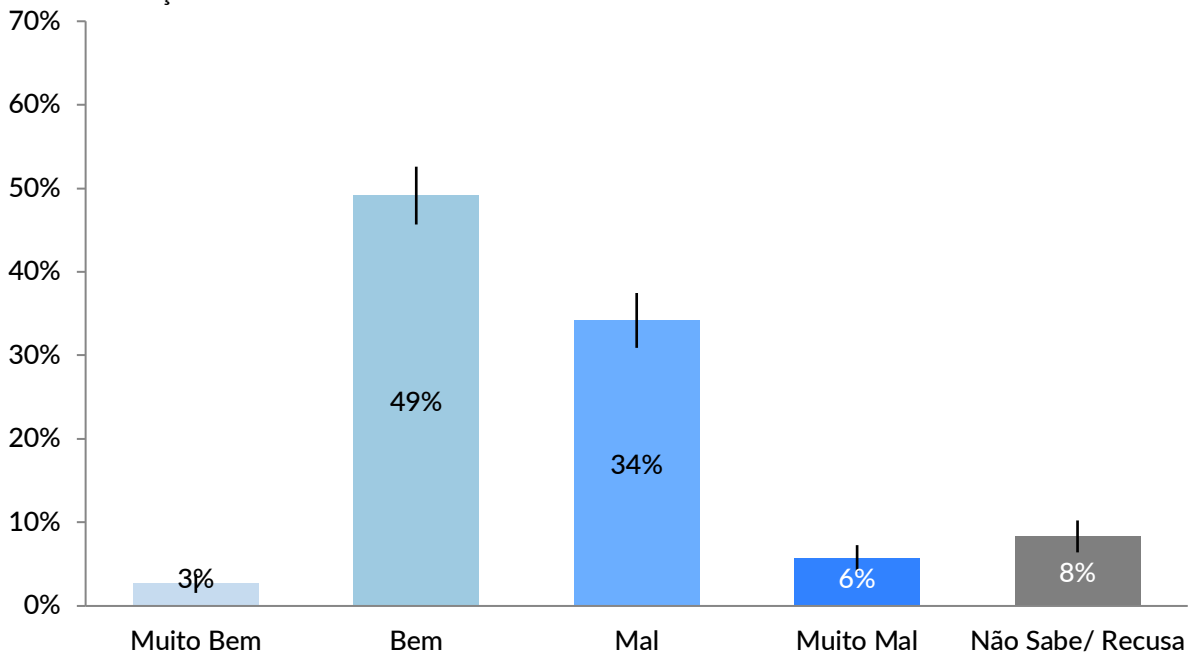


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021.

Entre os que responderam que recusarão a vacina ou que depende da vacina em concreto, três em cada quatro invocam a preocupação com possíveis efeitos secundários. Há também 24% dos inquiridos que estão convictos de que nenhuma vacina contra a Covid-19 é eficaz, 11% que dizem achar não precisar de vacina e 8% que dizem preferir em geral não tomar vacinas.

"Até agora, como acha que está a correr a vacinação contra a Covid-19 em Portugal: acha que está a correr muito bem, bem, mal, ou muito mal?

% em relação ao total da amostra.

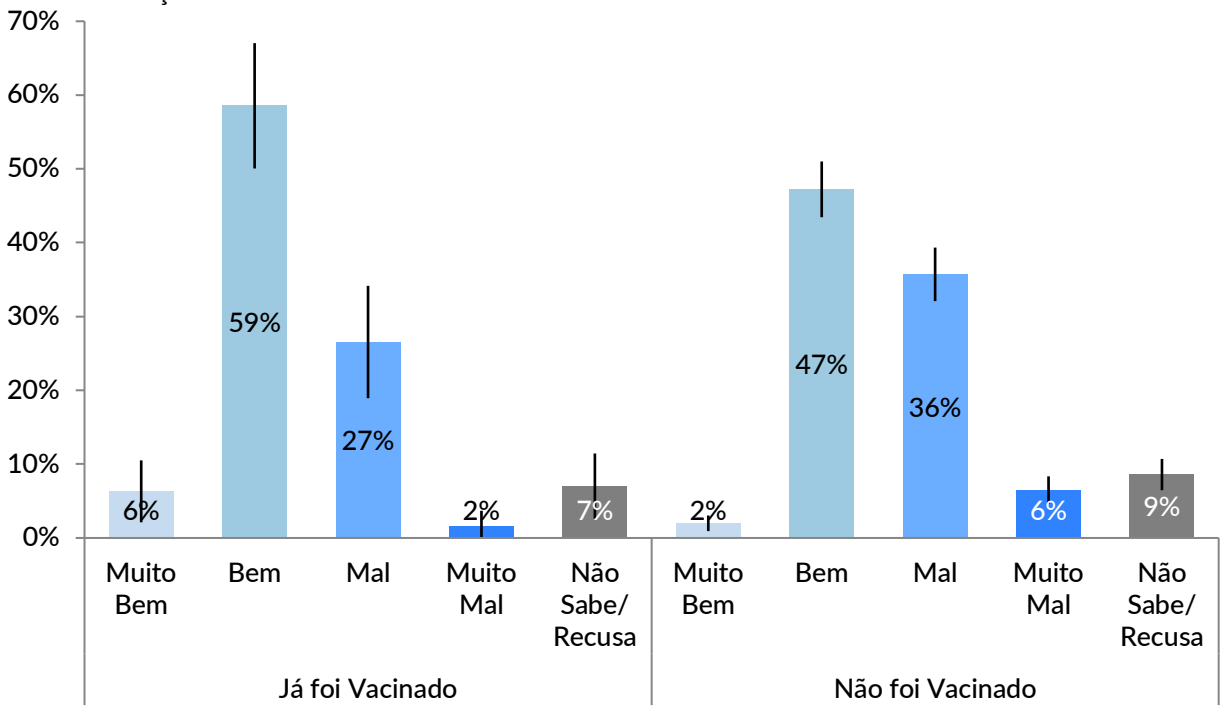


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

A opinião mais frequentemente expressa pelos inquiridos sobre o processo de vacinação em Portugal é a de que está a correr “bem” (49%), havendo até 3% que consideram que está a correr “muito bem”. Contudo, há também 40% que acham que está a correr “mal” ou “muito mal”.

"Até agora, como acha que está a correr a vacinação contra a Covid-19 em Portugal: acha que está a correr muito bem, bem, mal, ou muito mal?

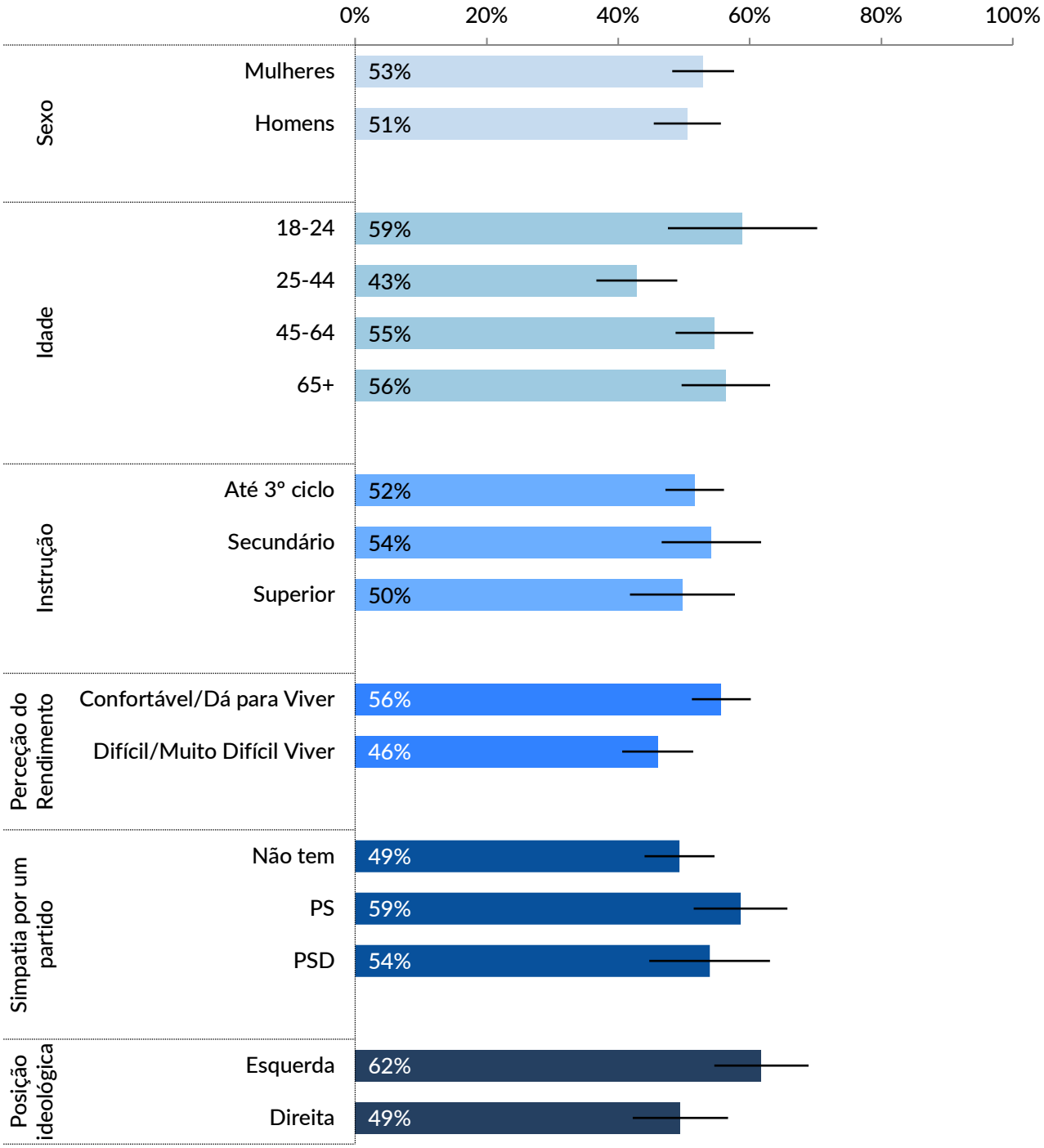
% em relação ao total da amostra.



Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

Já ter recebido pelo menos uma dose da vacina é um fator que parece estar relacionado com a opinião geral sobre como o processo de vacinação está a correr. Entre os que já foram vacinados, 65% consideram que o processo está a correr “bem” ou “muito bem”, percentagem que desce para 49% entre os que ainda não foram vacinados.

"Até agora, como acha que está a correr a vacinação contra a Covid-19 em Portugal: acha que está a correr muito bem ou bem.
% em relação ao total dos subgrupos.

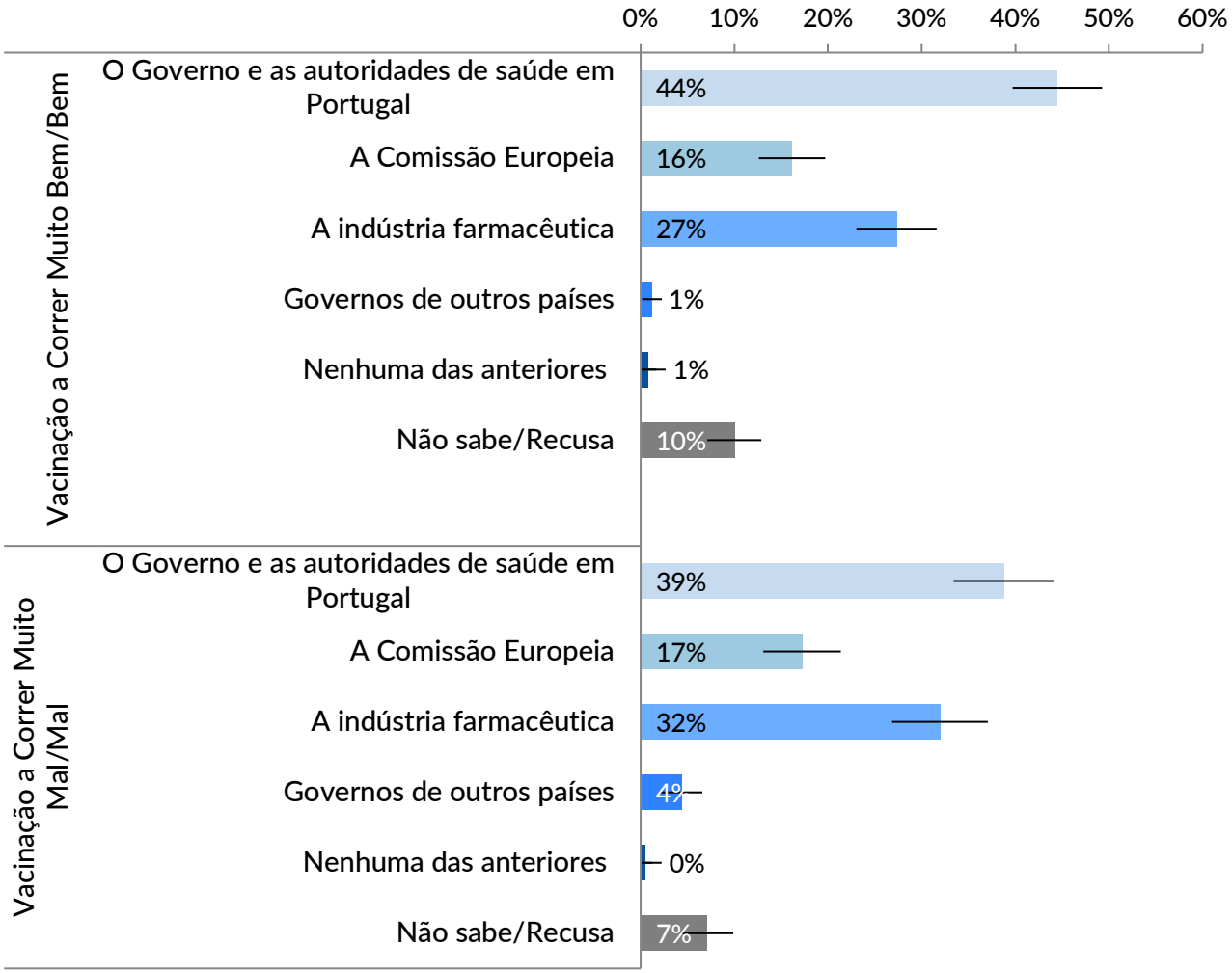


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

Os grupos menos satisfeitos com o processo de vacinação em Portugal são os inquiridos com idades entre os 25 e os 44 anos, os inquiridos que dizem ser “difícil” ou “muito difícil” viver com o seu rendimento atual, os eleitores sem simpatia partidária e aqueles que se posicionam ideologicamente à direita.

"Quem acha que tem maiores responsabilidades pela maneira como está a correr a vacinação em Portugal?"

% em relação ao total dos respondentes consoante consideram que a vacinação está a correr muito bem/bem ou muito mal/mal.



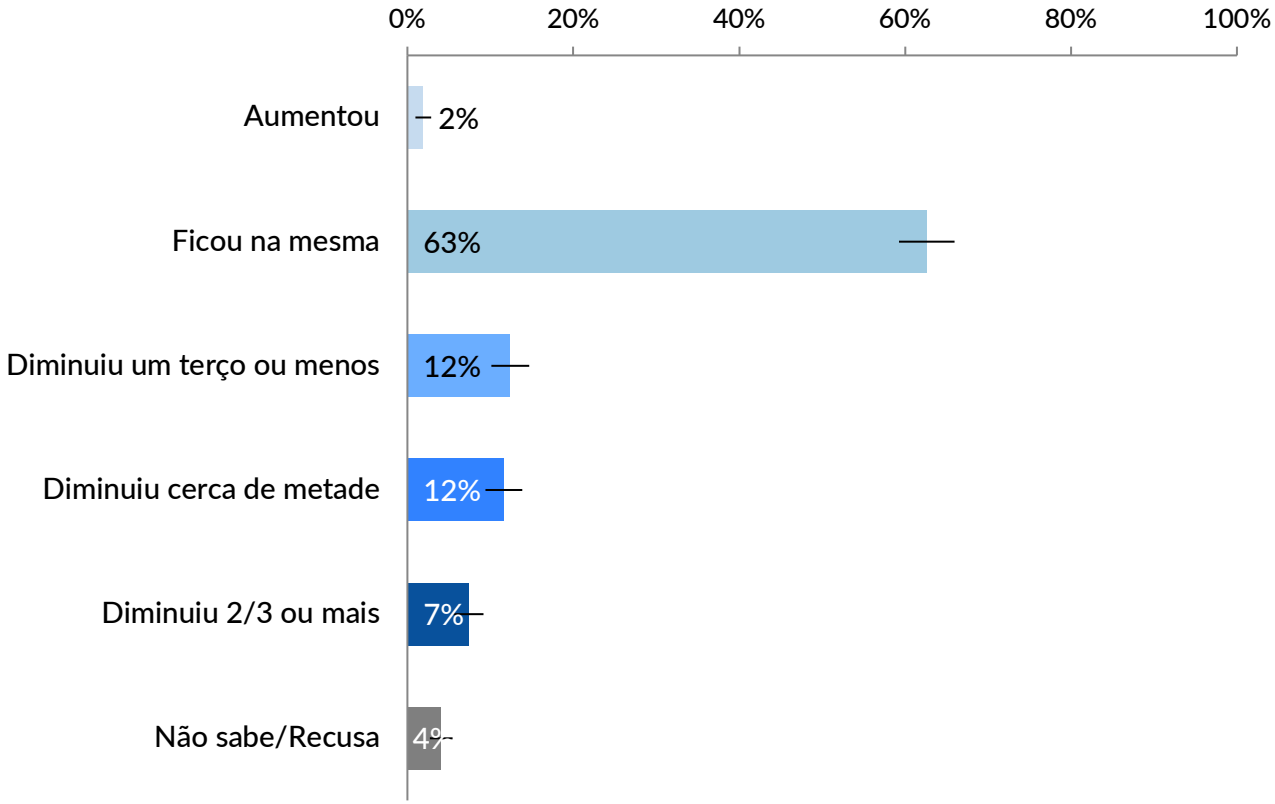
Recolha: 5 a 13 de abril de 2021.

Independentemente da avaliação que se faz sobre o processo de vacinação em Portugal ser positiva ou negativa, as responsabilidades por essa situação são atribuídas de forma semelhante pelos inquiridos. Em primeiro lugar, ao governo e às autoridades de saúde em Portugal; em segundo, à indústria farmacêutica; e em terceiro, à Comissão Europeia.

7. Rendimento em comparação com situação pré-pandemia

Pense agora no rendimento do seu agregado familiar atualmente. Em comparação com o que se passava antes da pandemia, antes de março do ano passado, diria que o rendimento do seu agregado familiar diminuiu, aumentou ou ficou na mesma?

% em relação ao total

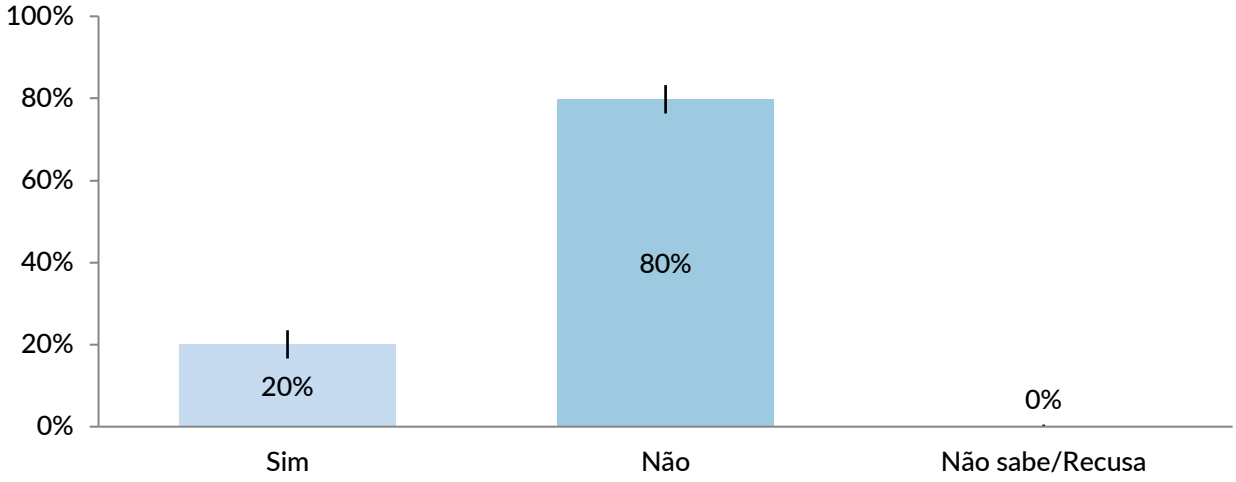


Recolha: 5 a 13 de abril de 2021.

63% dos inquiridos afirmam que, em comparação com o que passava antes da pandemia, o rendimento do seu agregado familiar manteve-se estável. 31% reportam perdas de rendimento, com 19% a reportarem perdas de pelo menos metade desse rendimento. Estes valores são semelhantes aos que já se encontravam no estudo conduzido em maio de 2020.

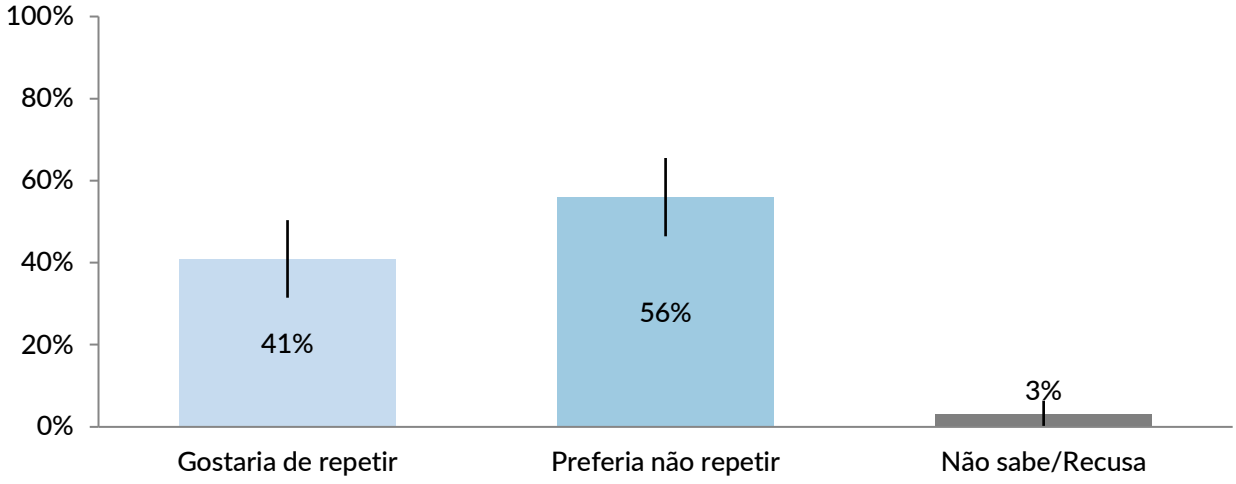
8. O teletrabalho

"Desde o início da pandemia, passou alguma parte do seu tempo em regime de teletrabalho?"
% em relação ao total de inquiridos ativos.



Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

"Quando terminar a pandemia, a experiência de teletrabalho é algo que gostaria de repetir ou que preferia não repetir?"
% em relação aos inquiridos que afirmam ter estado em teletrabalho.



Recolha: 5 a 13 de abril de 2021. Valores são arrendondamentos à unidade.

20% dos inquiridos que fazem parte da população ativa afirmam ter passado uma parte do seu tempo em regime de teletrabalho. Entre estes, a maioria (56%) afirma que ser uma situação que preferiam não repetir quando a pandemia terminar.

LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

ICS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

iscte
INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

SIC

Expresso

GfK